

Esculturas Públicas de Akiko Fujita: efemeridade e permanência

Fernanda Flores Barbano

Resumo

Essa pesquisa tem como finalidade investigar os trabalhos de arte pública criados pela artista japonesa Akiko Fujita durante a sua estadia no Brasil. Foram analisadas características de um conjunto enxuto de obras com maior enfoque no trabalho realizado por ela em 1985 no Campus da Unicamp, "Monumento a Campinas". Essa obra, assim como todas as suas esculturas públicas, tem sua degradação pré anunciada devido a sua exposição às interferências do meio e, também, às especificidades do material utilizado (terra). Essa característica permite ler suas construções explorando a comparação entre seus aspectos efêmeros e permanentes, subentendidos na proposta monumental.

Palavras-chave:

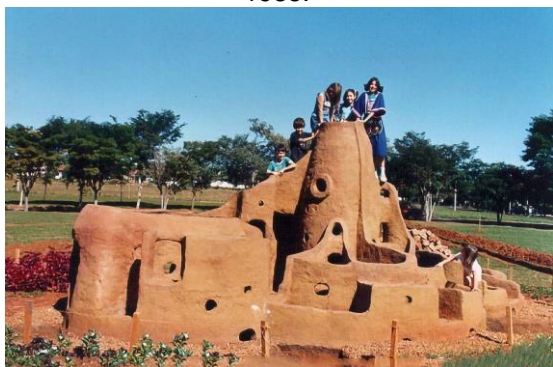
Akiko Fujita, Esculturas Públicas, Monumento.

Introdução

Akiko Fujita, nascida no Japão, veio para o Brasil no ano de 1983, com o intuito de dar continuidade ao seu projeto "monumento" que deu origem a um conjunto de esculturas públicas feitas de cerâmica em formas labirínticas que podem ser penetradas/habitadas. A confecção é realizada forma coletiva, com o envolvimento da comunidade, e a queima é feita a céu aberto, com uma grande fogueira.

"Monumento à Campinas" (1985) foi construído na Praça Henfil da Unicamp, de onde Akiko era professora do Departamento de Artes Plásticas, e foi viabilizado pelo projeto "arte no Campus" de Suelly Pinot. Ao longo dos anos, essa peça foi se degradando por interferências humanas e do meio até deixar de existir. Essa degradação, porém, era prevista pela artista que desejava realizar obras que "viessem da terra e a ela retornassem".

Figura 1. "Monumento à Campinas"- José J. Lunazzi - 1985.



Essa pesquisa, além de coletar informações sobre a artista e sua obra, traça uma discussão em torno das suas características efêmeras e permanentes, enquanto monumento presente em um imaginário coletivo. Essa reflexão se baseou em autores como Alôis Regel, Rosalind Krauss, Cristina Freire e Sylvania Furegatti que escreveram sobre tópicos essenciais como escultura, arte pública e monumentos.

Resultados e Discussão

Foram cedidos alguns depoimentos e entrevistas que forneceram informações bibliográficas e sobre processo criativo e metodologia de trabalho de Akiko Fujita. Dando destaque a Aroldo Galo, assistente de ateliê da artista em Campinas e atual representante legal no Brasil, Buke

Warner, assistente de obra do trabalho realizado na Unicamp, e Cristina Rocha, atual cuidadora das peças deixadas no ateliê em Campinas.

Para uma exposição de fechamento da programação do mês do ceramista (maio) de 2017, do SESC Campinas, foram resgatadas algumas das obras que haviam sido deixadas no antigo ateliê. Por intermédio de Sylvania Furegatti, três delas fazem parte, hoje, do acervo do MAV (Museu de Artes Visuais da Unicamp), MACC (Museu de Arte Contemporânea de Campinas) e Instituto de Artes da Unicamp. O acompanhamento do transporte dessas obras permitiu compreender a estruturação proposta por Akiko. O evento também possibilitou o contato com diversas pessoas que conheceram a artista e seu trabalho.

Além disso, foram coletados dados bibliográficos em documentos dos acervos do MASP, ECA USP, Siarq Estação e Pinacoteca do estado de São Paulo e disponibilizados ao acervo da videoteca da Unicamp novas edições de vídeos de Alberto Baumstein com imagens de diversos trabalhos da Akiko.

Conclusões

O trabalho em pesquisa possui características que podem aproxima-lo de definições feitas pelos teóricos pesquisados, como a sua disposição no espaço urbano, as grandes dimensões, a homenagem a algo/alguém ou sua função como marco paisagístico.

Apesar de sua degradação, prevista pela artista, ser um aspecto contrário a essa definição, pode-se considerar que sua perpetuação se faz no envolvimento da comunidade com o processo criativo, considerado por ela mais relevante do que o resultado final da obra.

Essa proposta se faz compreensível ao pensar o trabalho de Fujita dentro do cenário das esculturas modernas. A arte estava passando a não se interessar mais por suportes duráveis e sim pelo seu conceito e processo, fenômeno denominado por Lippard (2013) como "desmaterialização da arte".

Agradecimentos

Agradeço: à Sylvania Furegatti, orientadora da pesquisa; aos apoiadores que compartilharam informações e memórias sobre a escultura e artista; e ao PIBIC pelo financiamento.